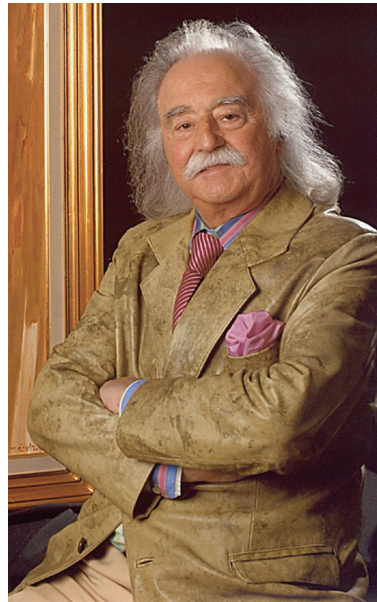


O Enigma do Mestre



Mestre Adelino Ângelo

Mestre Adelino Ângelo apodera-se da alma das pessoas e a transforma em poesia e em música. Rima as cores e ritma movimentos em primeiro e segundo planos, conferindo harmonia e melodia ao conjunto.

Seus retratos guardam um mistério, não de si próprios, mas do Artista. Que desejara a sua própria alma ao captar a de outros? Que vira, que sentira, que intuía do Retrato? Que arcano é esse do arcângelo Mestre Adelino? Quais segredos há em seu gênio indomável que o levam a procurar figuras da miséria, pintá-las em profundidade e incessantemente?

Sejam quais sejam os enigmas, Mestre Adelino Ângelo enxerga além do óbvio, de modo espontâneo. Em outras palavras, os deuses, contemporaneamente, o fecundam da mesma dádiva que fertilizou El Greco, Goya e Joaquín Sorolla y Bastida. Então, Mestre Adelino Ângelo, prenhe de

igual essência, intuitivamente, torna-se o grande detentor da arte, e livremente cria. Seus mendigos, alcoólicos e loucos de todo o gênero transmudam-se em primas pinturas, da mais fina sutileza expressionista. Restabelece-se, pois, a harmonia entre os contrários: a degeneração social e o belo da arte; os farrapos humanos e a eloquência da forma; os tristes escuros da natureza degradada e a luz contra luz, nos fundos e contrafundos das telas.

Mas... o mistério original do Mestre Adelino Ângelo permanece intocável, insondável, impenetrável. É um gênio, simplesmente um gênio a ser estudado e visto e admirado pelas gerações que hão de vir.

Guido Arturo Palomba

Psiquiatra Forense

Presidente da Academia de Medicina de São Paulo

A alma da cidade grande

Arary da Cruz Tiriba

Árvores brotavam naturalmente, o verde das ruas não era planejado. Semente vingava no matagal da baixada. A várzea da Paulicéia nem carroça transpunha; ali germinou a seringueira que de arbusto transfigurou-se em troncada, altaneira, sem necessidade do jardineiro municipal.

A expansão da cidade e o tempo trouxeram, conseqüentemente, demarcações, arruamentos, residências, pistas asfaltadas, edifícios, até prevalecer o comércio. O mataréu deu lugar às avenidas. Só não foram drenados os veios d'água da encosta, atração para lavadores de automóvel. A seringueira, até então robusta, ficou exposta à poluição, ao ruído de veículos leves e pesados, bem como à trepidação provocada pelos caminhões de caçambas. Como na tuberculose de outra árvore — a humana —, passou a apresentar cavidades no tronco aproveitadas pelos lavadores para armazenar detergentes, querosene, polidores e sacos sujos, ou seja, matérias nocivas para o ser vivo.

O vegetal não suportou, tombou. Seu látex já sem viscosidade escoou pela via. Na ruidosa e poluída Avenida Sumaré,* morte instantânea da setentona *Hevea brasiliensis*, nascida no capinzal que se converteu em via expressa. Morreu e arrastou consigo Marcos Vinícius, 39 anos — herói sem glória de mulher e dois filhos —, o qual reagiu ao fracasso da microempresa e garantiu a sobrevivência travestindo-se de motoboy (dezoito anos de pilotagem). Seu capacete não o protegeu da *Hevea*, que o acertou na cabeça.

Foi o final da tarde de outubro. Brusca interrupção de existências; uma, corroída pela deterioração do ambiente; outra, pela ruína financeira.

Na primeira metade da noite — diferença de horas —, durante pelega futebolística, Serginho, 30 anos, do São Caetano, sucumbiu na arena esportiva do Morumbi diante de milhões de espectadores; detalhes divulgados pela mídia. Esfriamento das uniformizadas, adiamento da disputa.

* Nome de orquídea.

A seringueira viera de baixo, ascendera às alturas.

Marcos Vinícius, subira, descera, dera a volta por cima, arriscando a vida de hora em hora.

Serginho alcançara fama no esporte.

Três seres vivos — século e meio de presença —, baixaram de súbito à horizontalidade.

Nos jornais falados, o trânsito na cidade: “zona oeste, congestionamento quilométrico, conseqüência da queda de árvore sobre um motoboy!”.

Imprensa da manhã seguinte, 20 de outubro de 2004, ilustra com fotos os dois acontecimentos da cidade, foco centrado na morte ocorrida no gramado são-paulino.

Na rádio, voz toda emoção do pastor se estende no conforto à parentela do atleta. Para os familiares do motoboy, nem a mais passageira menção! [Ora! morte de motoboy... o dia acorda e a filmagem da marginal já vem chegando do helicóptero...]

Sobre a árvore... *folhas* não choram folhas.

Comentávamos em uma sapataria rápida próxima à Sumaré — local do primeiro acontecimento — sobre a repercussão emocional da sociedade. André, jovem oficial sapateiro — reformou centenas de pisantes —, ouviu-nos e, em uma só palavra, filosofou sabiamente o que não soubemos transmitir.

Desigualdade.

Arary da Cruz Tiriba

Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo, Professor de Medicina e Membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES-SP)

Réquiem para um semeador

Paulo Bomfim



Há 110 anos, trágico 2 de junho de 1898, no pátio da fazenda de café, em um trole que chegava com seus cavalos assustados, dois homens agonizavam. O fazendeiro e o troleiro, que tentara defendê-lo, haviam sido vítimas de mais uma tocaia que ensangüentava a terra roxa da Mogiana.

Na varanda da casa-grande, uma criança contemplava a cena petrificada de horror.

A morte do meu avô marcaria para sempre a vida de meu pai. Mesmo nos momentos de alegria, aquela brisa de tristeza traria das arcas do tempo o menino interno no colégio de Itu, esperando alguém que não voltaria nunca.

Com o assassinato de meu avô Francisco Rodrigues dos Santos Bomfim, ruía o império de suas fazendas espalhadas por São Simão, Cravinhos e Vila Bomfim.

Ainda hoje, antigos moradores da região evocam a lenda do “velho Bomfim” ante o neto que já tem idade para ser pai daquele “velho” que morreu com menos de cinquenta anos!

No cemitério de Cravinhos, ao pé da cruz do túmulo de Francisco Bomfim, jaz o troleiro velando pelo sono do fundador de cidades.

Às vezes, quando cai geadas no coração do poeta, um trole surge com cavalos assustados e um sonho agonizando na boléia.

Sobre as mãos que teclam esta crônica, pousam as mãos de meu pai e de meu avô. As de meu pai empunhando a pena ou o bisturi, salvando vidas e apontando rumos, as de meu avô, mãos de semeador de civilização, do senhor de terras a perder de vista, transformadas em rosas que o sangue foi tornando rubras.

Há 110 anos o avô espera por um réquiem de seu neto!

Paulo Bomfim
Príncipe dos Poetas



Evento social em janeiro de 2008. Observamos da esquerda para a direita os doutores: Ronerlei, Nivaldo, Rollemberg, Plutarco, Gladstone e Vicente Forte (falecido em 24/04/2008)

Vicente Forte, um Cirurgião Vitorioso

Gladstone F. Machado

A comunidade médica, particularmente os cirurgiões torácicos, está com a alma enlutada devido ao falecimento súbito do colega Vicente Forte, arrebatado de sua vida tão laboriosa em pleno exercício de suas atividades, deixando um profundo pesar em todos nós.

Nascido em 15 de março de 1937, em São Paulo, capital, filho de Alfredo Forte e Rosina Marquetti Forte, fez aqui seus estudos básico, primário, ginásio e colegial.

Foi Professor de Cirurgia Torácica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Escola Paulista de Medicina), escola na qual se graduou em 1961 e consolidou brilhante carreira universitária.

Entre tantos títulos de seu vastíssimo currículo, após uma vida inteira dedicada ao ensino e às atividades como cirurgião, devemos ressaltar:

— Doutor em Medicina, por concurso (Unifesp-EPM), 1972, após residência Médica em Cirurgia Torácica (1962-1965) no Hospital S. Paulo, e Professor-Assistente da Dis-

ciplina de Tórax do Departamento de Cirurgia do referido hospital.

— Professor Adjunto da Disciplina de Cirurgia Torácica do mencionado Departamento (1972-2006), data em que se tornou Professor-Associado.

— Livre-Docente, título concedido por concurso (1996) pela Unifesp-EPM. Especialista em Cirurgia Cardiovascular (1977) e em Cirurgia Torácica (1981) pela Associação Médica Brasileira, sendo esse título referendado pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Torácica, da qual ele era membro fundador, presidindo-a em três gestões (1997-2003). Foi também Presidente da Sociedade Sul-Americana de Cirurgia Torácica no período de 1998-1999.

Vicente Forte era membro emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e líder do grupo multidisciplinar de transplante de pulmão da Escola Paulista de Medicina e do Hospital Beneficência Portuguesa, tendo realizado o primeiro transplante pulmonar em São Paulo.

Teve mais de 600 participações em Congressos nacionais e internacionais, escreveu cerca de 70 capítulos em livros-textos, com mais de 200 publicações sobre temas da especialidade, notadamente em cirurgia da traquéia, em que sua casuística e resultados são conhecidos internacionalmente.

Viajou, em razão dos cargos que ocupava nas referidas instituições, pela maioria das capitais brasileiras e países sul-americanos, divulgando a cirurgia torácica, algumas vezes convidado para demonstrações operatórias. Visitou vários serviços de cirurgia torácica no exterior, notadamente na Europa e Estados Unidos, estagiando com o Professor Hermes Grillo, pioneiro e reconhecido mestre da cirurgia da traquéia no renomado *General Hospital*, em Massachusetts.

Vicente Forte era dinâmico e empreendedor, reconhecido e admirado por seus pares, seus assistentes, residentes e alunos, os quais tiveram o privilégio de conviver com ele, e, como cirurgião, possuidor de técnica operatória invejável e segura. Reconhecido por seus antigos mestres, sobretudo pelo Professor Costabile Galutti, por quem nutria admiração e respeito. Costumava citar, como preceito: “para mim não existe ciência sem amor. Toda minha vida foi dirigida para aprender o ato da Medicina com o cérebro, mas também com o coração”.

Socialmente, ele era alegre e divertido, apreciador de uma boa conversa, boa comida, bom vinho, boas histórias. Envolvia-se facilmente em qualquer disputa, defendendo com ardor seus pontos de vista, com seu temperamento apaixonado.

Vicente Forte, afortunadamente, formou uma família feliz, contando com a participação da Lílian Doris Del Grande Forte (sua querida esposa), que soube criar condições e ambiente para que ele pudesse lutar e realizar seus ideais e sonhos. Homem apegado “italianamente” à família, com filhos, genros, nora e netos; sua dedicação aos pequenos era extrema, a ponto de muitos de nós o tratarmos na intimidade por *nono* (avô).

Sua falta para os familiares será incomensurável, sempre lembrado com muita saudade e amor. Para nós todos, seus colegas, será difícil nos acostarmos com sua ausência em congressos, reuniões e confraternizações, nas quais ele era tão participativo, com sua opinião autorizada, sua alegria e bom humor.

Nosso adeus, prezado amigo e colega.

REQUIESCAT IN PACE.

Gladstone F. Machado

Membro Emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgias

21 de maio de 2008



Domingo à noite, ao ouvir *Aloha oe*, entre inúmeras melodias antigas, meu pensamento voltou aos velhos tempos em alusão às ilhas tahitianas que, de uma maneira ou de outra, sempre incitam à visitação...

Por volta de 1957, o professor, com um discreto sorriso, comentara a redação de um conto no qual se sobressaía a capacidade de o autor empregar uma só palavra para adjetivar com precisão o panorama do Pacífico Sul visto de uma colina: “(...) *a beleza inimaginável de uma ilha a que chamam Moorea*”.

Decorrido mais de meio século, posso, sem constrangimento e com muita honra, plagiar essa magnífica frase e afirmar: “*a beleza inimaginável da personalidade intelectual do professor Luiz V. Décourt*”.

— Morreu o professor?

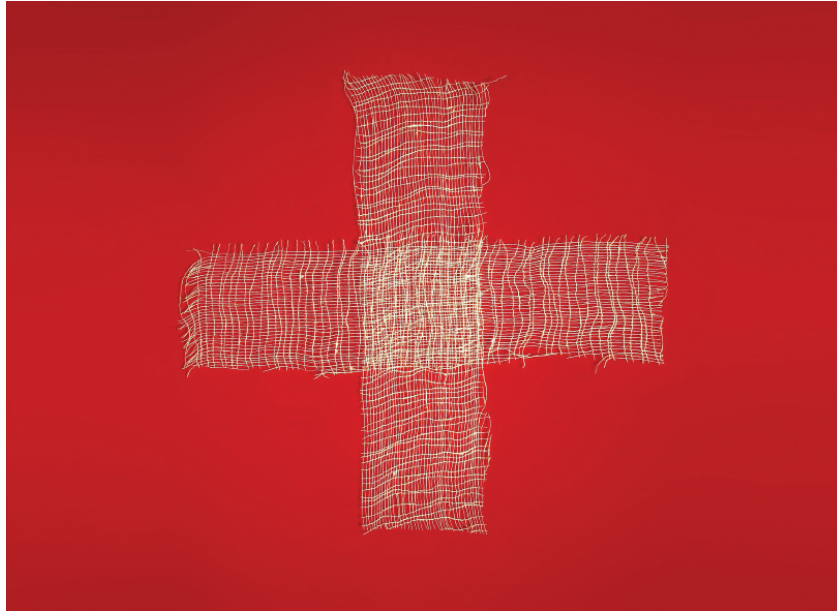
— Uma estrela morre e seu brilho vai fenecendo... a beleza intelectual é eterna.

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

Professor de Medicina

A Compressa Sumiu

Nelson Jacinto



O único e pequeno hospital da cidade, a velha Santa Casa, estava cheio de dívidas. O SUS, responsável por praticamente todo o pagamento do movimento hospitalar, não o fazia há vários meses. O prefeito, que se elegera depois de acirrada campanha eleitoral contra o provedor atual da Santa Casa, também candidato, dizia que somente colaboraria com o hospital se o provedor pedisse demissão do cargo. O provedor afirmava que não poderia pedir demissão, porque havia colocado dinheiro do seu bolso nos cofres do hospital e, para sair, teria de ser reembolsado. O prefeito, por sua vez, dizia que a história era outra e que o provedor tinha tirado dinheiro dos cofres do hospital e colocado nos seus bolsos. Essa é mais uma história de políticos, entre tantas que conhecemos e vivemos na atualidade. No meio das discussões, como sempre, o povo pobre sofria. Como em todos os lugares do mundo, em Itapiribaica surgiu a turma do deixa-disso e foi criada uma comissão na cidade para resolver o impasse. Depois de setenta vezes sete reuniões, resolveram contratar um administrador hospitalar para dirigir o hospital, pago, evi-

dentemente, pela Prefeitura Municipal. O administrador hospitalar veio de São Paulo, um alemão, ex-detetive, que, segundo as informações, nem uma mosca passaria voando pelo hospital sem que ele a visse. Seu nome era Fritz. Ele tinha o faro de um perdigueiro e a visão de um lince. Via e conferia. Até os talheres, os instrumentos cirúrgicos, os sabonetes gastos, os detergentes, enfim, tudo. Se alguma coisa faltasse, o responsável imediato deveria repô-la, ou teria o seu valor descontado no ordenado mensal. Certo dia, ao conferir o material gasto após uma cirurgia abdominal, Fritz verificou que faltava uma compressa grande. Imediatamente, entrou em ação para localizar a compressa desaparecida. Chamou os enfermeiros que estavam no centro cirúrgico durante a cirurgia, mas não teve notícias do paradeiro da compressa. Telefonou para o médico que havia feito a cirurgia, bem como para seu auxiliar e para o anestesista. Sem resultados. Verificou se havia alguém resfriado, mas ninguém estava com o nariz escorrendo. Foi ao quarto do paciente operado, para ver se a compressa havia sido esquecida entre os lençóis.

Nada. A noite chegou e a compressa não apareceu. Fritz convocou uma reunião de emergência para a mesma noite, com todos que, eventualmente, poderiam ter relação com o desaparecimento.

— Quem some com uma compressa pode sumir com um objeto maior — dizia ele, ofendendo a todos.

Depois de duas horas de investigação, o médico-cirurgião, cansado da perseguição de Fritz, resolveu pagar a compressa, para que o assunto fosse encerrado.

Tudo parecia correr bem, quando depois de alguns dias, o operado compareceu ao hospital, com uma fístula na barriga, vazando um líquido estranho. O médico havia lhe prescrito antibiótico, mas o paciente, alegando falta de dinheiro, não o tomou, pois queria que a Santa Casa lhe fornecesse o remédio.

— Despesa para a Santa Casa!? Nem pensar. Pode sumir daqui — gritou o velho Fritz.

Além desse desabafo, Fritz ainda disse algumas palavras em alemão, que, aos ouvidos do paciente, soaram como xingamento e racismo.

O paciente, orientado por amigos, procurou a Delegacia de Polícia para fazer um Boletim de Ocorrência contra Fritz e a Santa Casa. Ele exigia os medicamentos e ainda uma indenização por ofensas, maus-tratos e racismo.

A justiça, como a conhecemos bem, andou a passos de tartaruga, e a barriga do cidadão piorou. O médico, preocupado com a evolução do caso, procurou Fritz, para que ele permitisse pelo menos uma radiografia do abdome do paciente, para ver o que significava tamanha infecção. Fritz mais uma vez recusava o atendimento quando veio uma ordem do juiz para que o hospital fornecesse toda a assistência médica e hospitalar ao paciente. A radiografia do abdome foi feita e lá estava a imagem característica de uma compressa alojada, bem no fundo do abdome. O médico correu com a radiografia na mão para mostrá-la ao administrador Fritz. Seria necessária uma outra cirurgia de urgência, dessa vez para retirar a compressa. Fritz queria arrancar os cabelos, enforcar o paciente e o médico que lhe estavam causando tantos gastos e aborrecimentos.

O seu orgulho, entretanto, o fez voltar atrás, ele tinha descoberto o paradeiro da compressa. Incapaz de retê-lo dentro de si, disse:

— Está aí... descobrimos o paradeiro da compressa... não há mesmo crime perfeito... precisamos chamar a polícia para fazer o flagrante dessa barriga ladra, que escondia, tão bem escondida, a compressa.

O médico, que reconhecia a sua culpa, tentava rir, para não chorar, com a tirada maluca de Fritz.

A cirurgia foi feita e, dentro de alguns dias, a secreção foi diminuindo até desaparecer. O paciente, que prezava mais a sua saúde do que qualquer indenização, ficou satisfeito.

A audiência no fórum da cidade estava marcada para aproximadamente um mês depois desses fatos. O paciente, que tivera recuperação total, tomou a palavra e disse ao juiz que retirava a queixa, pois não queria prejudicar os médicos nem o hospital. “Errar era humano.”

Fritz não se deu por vencido:

— Senhor juiz, quero que o senhor anote aí nos autos que a compressa desaparecida dentro da sala de cirurgia da Santa Casa de Itapiribaica, após grande investigação efetuada por Fritz Ranson, foi localizada na barriga do paciente. Como eu sempre digo: “com Fritz ninguém brinca...”.

Nelson Jacinto
Médico

Analogias em Medicina (n. 20)

Casas de Força — A maior parte da energia exigida pela célula para manter suas várias atividades metabólicas é liberada de nutrientes, pelo processo de oxidação intracelular. Esse processo ocorre na mitocôndria (gr. mitos: fio, filamento + chondria: grão, grânulo), termo introduzido por Carl Benda, médico alemão, em 1902.

As mitocôndrias são organelas membranosas em forma de salsicha ou charuto, contendo as cadeias enzimáticas responsáveis pelo metabolismo respiratório. Essas enzimas catalisam reações que fornecem à célula o importante composto rico em energia, o trifosfato de adenosina (ATP), que permite que a célula realize trabalhos mecânico, osmótico, elétrico e químico. Como as mitocôndrias produzem ATP e são responsáveis pelo suprimento da maior parte de energia celular, elas são consideradas *casas de força* da célula (ingl. *cells' power sources*). Tal similitude refere-se ao fato de as mitocôndrias produzirem ATP com a energia liberada na oxidação de moléculas orgânicas, isto é, análogas ao setor de uma usina que abriga a turbina e o gerador.

Raramente, a usina mitocondrial sofre “apagões”, resultantes do desgoverno ou de algum elemento corruptor, como se verifica nas chamadas mitocondriopatias. Estas são um grupo de doenças que se caracterizam por alteração estrutural, bioquímica ou genética, causadas por mutações localizadas nos genes nucleares ou mitocondriais. Curiosamente, as mitocondriopatias são transmitidas unicamente por herança materna, pois apenas o núcleo do espermatozóide penetra no óvulo durante a fecundação, ficando o seu citoplasma e suas mitocôndrias alijados e presos ao invólucro ovular. É digno de registro a presença dessas extraordinárias organelas em todos os seres eucariotos.

Roda de leme ou timão — O *Paracoccidioides brasiliensis*, fungo causador da paracoccidioidomicose ou blastomicose sul-americana, é célula arredondada, de dupla parede refringente,

de 1 a 30 micrômetros no seu maior diâmetro (forma parasitária). Sua multiplicação se faz por exosporulação múltipla por meio da formação de cromídios (massas de cromatina) na periferia do citoplasma da célula-mãe. Os cromídios, após atravessarem pequenos pertuitos da parede celular, arrastam consigo porção do citoplasma e da membrana envolvente, configurando uma roseta fúngica: é a figura típica em *roda-de-leme* ou de *timão* (denominação que em nada se relaciona com o apelido de certo time de futebol paulista), patognomônica desse fungo (ingl. *steering, marine or pilot's wheel*). Este aspecto permitiu a Almeida estabelecer, entre outros dados, a diferença entre o *P. brasiliensis* e o *Coccidioides immitis*.

Trata-se de micose profunda de grande interesse nos países da América Latina, especialmente no Brasil. Foi observada pela primeira vez por Adolfo Lutz (1908), que chamou a atenção para as lesões encontradas na boca dos pacientes. O fungo foi bem caracterizado por Alfonso Splendore (1912) e por Floriano Paulo de Almeida (1930), recebendo a referida denominação. O Brasil é o detentor do maior número de casos, sobretudo nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, Paraná, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. O fungo infecta, por via respiratória, parte da população brasileira e de outros países latino-americanos. Uma minoria dos infectados, particularmente adultos do sexo masculino, com atividades agrícolas, desenvolve a doença, que se traduz por um processo granulomatoso e purulento, em geral de evolução crônica. Atinge, com maior frequência, os pulmões, mucosa oral, pele e linfonodos (texto com base em vários autores brasileiros). Pessoalmente, acompanhamos um caso muito grave em criança de quatro anos, com comprometimento pulmonar, linfonodal e ósseo, que faleceu, apesar do tratamento.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra (*in memoriam*)
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.